

EDITORIAL

ANDRÉ VERÍSSIMO

Director-adjunto
averissimo@negocios.pt

Se é chinês não presta?

Desabafou Alexandre Soares dos Santos esta semana que “detesta investimento chinês”, porque não acrescenta nem conhecimento, nem capacidade de gestão. “Só levam barato”, sentenciou o experiente empresário. Uma discriminação sem sentido ou justa.

Alexandre Soares dos Santos deu talvez alarde ao desconforto íntimo e tímido com que muitos encaram a compra de empresas portuguesas, algumas emblemáticas, por chineses. A atoarda teve ampla procura nos “sites” de informação, e difusão nas redes sociais.

É evidente que o investimento chinês suscita reservas. Pela menor transparência, pelo domínio das empresas, pelo Estado, pela corrupção. Mas o mesmo se pode dizer de outras nacionalidades cujo investimento em Portugal se tornou popular nos últimos anos, como a angolana. O caso recente da compra da ES Saúde pela Fosun traça, pelo contrário, um retrato inverso. Trata-se de uma empresa cotada, com contas públicas, que venceu de forma transparente uma OPA, cumprindo as regras do mercado.

O ponto é que os chineses têm o que Portugal não tem: capital. E o país nos últimos anos precisou dele como de pão para a boca. De capital e do financiamento que muitas vezes veio atrelado às aquisições, como no caso da EDP.

Mas ao contrário do que o mediatismo das suas aquisições possa fazer crer, só no primeiro trimestre deste ano a China entrou no “ranking” do investimento directo estrangeiro em Portugal. Perto de 90% do IDE continua a vir de países da União Europeia, segundo um estudo da AESE.

O investimento chinês anda por todo o mundo, sem que haja aqui um plano obscuro do comité central do PC chinês para controlar a economia global. Claro que serve uma estratégia política. Começou pela aquisição de empresas que pudessem garantir o acesso a matérias-primas, essenciais para o desenvolvimento industrial. Mas centra-se agora numa diversificação geográfica dos negócios, perante as evidências de desaceleração da economia local. A China deverá crescer este ano ao ritmo mais baixo desde 1990.

É verdade que os empresários chineses vêm à procura do “know-how” que não têm. Mas até isso é só em parte verdade. Muitos gestores chineses estudaram já em algumas das mais prestigiadas escolas de negócios do mundo. O interesse pelas empresas portuguesas é sinal de que reconhecem por cá capacidade de gestão. E isso, no meio de tantos dissabores, deve ser motivo de satisfação. ■

Os chineses têm o que Portugal não tem: capital.